

OSCAR NIEMEYER E A ARQUITETURA COMO ARTE: O CASO DO MAC NITERÓI.

PERINAZZO, Taize.¹

SCHMIDT, Thais Aline.²

PEDROTTI, Angela Cristina.³

ANJOS, Marcelo França dos⁴

OLDONI, Sirlei Maria⁵

RESUMO

Oscar Niemeyer, arquiteto, boêmio e acima de tudo, carioca. Seus projetos enaltecem as formas brasileiras. Premiado pelo Pritzker, maior honraria dentro do cenário arquitetônico. Autor do projeto do Museu de Arte Contemporânea de Niterói, conseguiu atingir uma categoria superior na arquitetura, a de obra de arte. Sendo assim, o trabalho aqui apresentado busca compreender como tal projeto, MAC Niterói, pode proporcionar a associação do mesmo como um dos arquétipos do movimento contemporâneo. Fundamentalmente, engajada a metodologia da revisão bibliográfica, compreendeu-se que o movimento moderno continua a delinear os arquitetos brasileiros contemporâneos, uma vez que a busca pela linguagem originalmente brasileira se mantém como legado. Sendo assim compreende-se de que a obra que se torna ponto principal dentro de tal trabalho, transcendeu ao seu destino, cumprindo os fins ao qual se materializa e se sobressai a sua forma poética, transformando-se como um objeto se valida por si mesmo. Demonstrando o modo com que a obra conseguiu atribuir seu valor inimaginável.

PALAVRAS-CHAVE: Oscar Niemeyer. Museu de Arte Contemporânea de Niterói. Arquitetura. Museu.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado procura elucidar a forma com que o arquiteto carioca, Oscar Niemeyer, conseguiu se reinserir ao cenário da arquitetura contemporânea, focando diretamente a obra do Museu de Arte Contemporânea de Niterói. Sendo assim, o problema pesquisa busca a compreensão dos fatos que orientaram tal arquiteto e como tal Museu pode proporcionar que o mesmo fosse associado como o arquétipo do período em questão?

Consequente, como forma de aclarar o questionamento levantado, o objetivo geral foi à busca pela razão qual conseguiu reinserir Oscar Niemeyer e sua obra ao cenário arquitetônico contemporâneo. O trabalho teve como objetivo específico o embasamento bibliográfico e princípios projetuais acerca do arquiteto e da obra, obtendo breve contextualização sobre arquitetura

¹ Acadêmico (a) do 8º período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: taize_p@hotmail.com

² Acadêmico (a) do 8º período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: thaais_schmidt@hotmail.com

³ Acadêmico (a) do 8º período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: angelacpedrotti@gmail.com

⁴ Arquiteto e professor orientador da presente pesquisa. E-mail: anjos@fag.edu.br

⁵ Arquiteta e mestre orientador da presente pesquisa. E-mail: sirleioldoni@hotmail.com

contemporânea no Brasil e por fim, através do aporte teórico, pode-se fazer análise sobre a obra em questão.

Sabe-se que, tal museu possui as características que o faz pertencer a uma célebre categoria que o torna tão atrativo quanto às próprias obras de arte que abriga. Sendo assim, foi através do prêmio Pritzker em 1988 que Niemeyer celebrou tal confirmação, sendo essa a mais alta honraria dentro da arquitetura. (BASTOS, 2010).

A escolha da análise do Museu de Arte Contemporânea de Niterói se deu não unicamente pela relevância da obra diante da jornada desse brilhante arquiteto, mas o mesmo ainda consegue refletir sua fundamental importância no âmbito econômico e social para a cidade de Niterói no Rio de Janeiro.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Victória Newhouse (*apud* NEIVA, 2008) o MAC Museu de Arte Contemporânea de Niterói se enquadra em um grupo seleto de museus que surgiram em meados do século XX, de característica escultural, tendo para si a classificação de obra de arte.

Através da obra do MAC Niterói, Niemeyer recebeu o prêmio Pritzker de Arquitetura, maior celebração concedida a arquitetos no mundo. Detalhes com problemas de execução durante a obra do Museu em questão passaram despercebidos diante da aprovação que o mesmo teve pela sociedade, consequência da localização além do seu contexto, sendo considerada assim a obra melhor acolhida pelo público e pela crítica. O MAC Niterói também foi de grande importância para Niemeyer, pois foi onde o arquiteto pode realizar alguns de seus sonhos criativos pontuados em diferentes momentos de sua trajetória profissional. (BASTOS, 2010).

2.1. OSCAR NIEMEYER, BOÊMIO E CARIOCA, FILHO DO RIO.

Primeiramente, antes mesmo de arquiteto, Niemeyer era boêmio e carioca, filho do Rio de Janeiro. Nascido no dia 15 de dezembro de 1907, morou na casa de seu avô localizada no bairro Laranjeiras, junto com uma extensa parte da família, pai, mãe, avós paternos e maternos, seis irmãos, primos e tias, todos juntos. (PIRES, CORTIZO, LELIS, HENRIQUE, 2012). Pelos seus 14 anos, como de praxe, um dos seus tios o acompanhara a conhecer as tais mulheres, mulheres que posteriormente fariam parte da sustentação poética de suas criações únicas. (GLOBO, 2007).

Segundo Harada (2018) sua formação acadêmica foi de Engenheiro-Arquiteto, concluída em 1934, na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro. Dois anos antes de se formar, já trabalhava como estagiário no escritório de Lúcio Costa, nessa época que conheceu o francês Le Corbusier, projetando, junto do futuro parceiro de longa data, o novo prédio para o Ministério da Educação e Saúde Pública. Sua vida longa foi repleta de trabalhos icônicos, com os quais ganhou renome nacional e internacional. Mesmo após o centenário, Niemeyer sentia prazer em falar das obras presentes e futuras, tirando, do passado, apenas a sabedoria. Seus mais de 600 projetos ao redor do mundo surpreendem até hoje acadêmicos.

Para ser melhor compreendido pelos que não me conhecem, voltarei um pouco ao passado, a minha infância já tão longe, a minha formação de homem e arquiteto. Lembrarei minha casa no bairro das Laranjeiras no Rio, o ambiente feliz em que vivi naqueles tempos perdidos para sempre. Meus pais e avós, não pelo conforto e carinho que me prepararam para vida, mas por eles mesmos, como pessoas humanas, co-responsáveis geneticamente pelas minhas qualidades e defeitos. (NIEMEYER, 1978 p. 10).

Quando Niemeyer era questionado sobre suas crenças e suas inspirações para suas obras ele respondia:

A mulher do lado... E seja o que Deus quiser. No que toca a Deus, a frase (dita pela primeira vez em entrevista ao Pasquim), soa anacrônica, conformista, burguesa – vinda de um ateu confesso, de um indeterminista e radical (Se Deus existisse. Não permitiria tanta miséria.) – Não fosse a ironia com que Oscar repete como um bordão. [...] Para além da existência ou não de Deus, a mulher existe, e é divina. Sentimento que Niemeyer expressa em desenhos livres de corpos femininos, seus amplos e recônditos, com erotismo calculado, exato, na medida certa da delicadeza. Ou indiretamente, nas curvas do concreto, traços fêmeos, suavidade necessária para a vida. E seja o que Deus quiser. (GLOBO, 2007 p. 12)

As obras de Niemeyer são em seu alicerce um guia prático de um itinerário carioca, refletindo toda a sua brasilidade apaixonada. “A arquitetura de Niemeyer é antes de tudo uma vigorosa celebração do tropical e do erótico, das paisagens mágicas e do sensual modo de vida do Rio de Janeiro em que nasceu”. (UNDERWOOD, 2003 p.18)

Sempre que viajava de carro para Brasília minha distração era olhar as nuvens do céu. Quantas coisas inesperadas elas sugerem! Às vezes são catedrais enormes e misteriosas, as catedrais de Exupéry com certeza, outras vezes, guerreiros terríveis, carros romanos a cavalgarem pelos ares, outros ainda, monstros desconhecidos a correrem pelos ventos em louca disparada e, mais frequentemente porque sempre as procurava lindas e vaporosas mulheres recostadas nas nuvens, a sorrirem para mim dos espaços infinitos. [...]. Naquele dia, porém, a visão foi mais surpreendente. Era uma bela mulher, rosada como uma figura de Renoir. O rosto oval, os seios fartos, o ventre liso, e as pernas longas a se entrelaçarem nas nuvens brancas do céu. E fiquei a olhá-la com medo que se diluísse de repente. Mas os

ventos daquela tarde de verão me deviam estar ouvindo e durante muito tempo ela ali ficou a olhar-me de longe, como a convidar-me para subir e com ela, entre as nuvens, brincar um pouco. (NIEMEYER *apud* CORONA, 2001 p.113)

Sempre em busca de referenciar algo que se sobreponha a sua forma, Oscar Niemeyer instiga algo que possa ultrapassar o que o olho vê, permeando o sentido óptico e se ancorando aos sentidos do espírito humano. Sendo assim foi através dos cenários do Rio de Janeiro que Niemeyer encontrou muito mais do que o reflexo da sua paixão, mas também a expressão desse sentimento fortemente nacionalista. (UNDERWOOD, 2003 p. 50).

De acordo com o próprio Niemeyer (2010, p. 9) “De um traço nasce a arquitetura. E quando ele é bonito cria surpresa, ela pode atingir, sendo bem conduzido, o nível superior de uma obra de arte”. Para se alcançar esse patamar, o autor ainda declara ser necessária a previsão por parte do arquiteto aos problemas variados que poderão surgir na execução. Compreender a natureza do terreno, o espaço a qual será implantada a edificação, sua razão econômica, etc. Porém, somente após se certificar de todos esses pontos é que se começam os desenhos, croquis, a busca pela concepção pretendida. E é nesse ponto que a imaginação toma o entusiasmo do arquiteto “como alguém que encontrou um diamante e o examina com a esperança de ser verdadeiro e, lapidado, transformar-se numa bela pedra preciosa”. (NIEMEYER 2010, p. 9).

Niemeyer é indiscutivelmente importante, suas obras e sua carreira instituiu diversas gerações de arquitetos. Suas várias contribuições como, por exemplo, a busca pela autenticidade do seu repertório contribuirá diretamente ao esforço dos arquitetos recentes por uma legitimidade arquitetônica. Ao carregar em seu discurso essa proximidade particular com a experiência humana, diminuí a distância entre a arquitetura erudita e a realidade cotidiana dos arquitetos. (TABITH JUNIOR p. 87).

2.2. BREVE CONTEXTUALIZACAO SOBRE ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA NO BRASIL

De um ecletismo nada particular e cheio de referências europeias, para a consolidação de uma arquitetura originalmente brasileira e reconhecida mundo a fora. (BRUAND 1981, p.33).

Ao surgir novas experiências espalhadas em diversos locais do planeta, culminando ao desenvolvimento das soluções técnico estéticas, adaptadas as especificidades locais e possibilidades do seu tempo, surge a arquitetura moderna brasileira, “que relacionada às outras formas de

manifestação artísticas, estaria diretamente envolvida com nosso projeto de construção de identidade, sem perder sua conexão com a produção contemporânea internacional”. (TABITH JUNIOR, 2007 p. 51).

O mesmo autor citado acima expõe que o sistema tecnológico, a integração espacial, a conceituação do espaço público e a estrutura como personagem principal no quesito plástico são alguns elementos que marcaram a trajetória da arquitetura brasileira. Complementa sobre o caminho percorrido na arquitetura e suas eventuais mudanças:

A geração destes pioneiros definiu outras gerações de grandes arquitetos que deram continuidade a construção da arquitetura brasileira e ainda contribuem para o desenvolvimento contínuo de uma linguagem contemporânea diversificada. A arquitetura brasileira tem se desenvolvido pelo país, em diversas experiências, procurando estar engajada com nossa realidade sócio cultural. Nos últimos vinte anos, inserida no universo de discussões contemporâneas, demonstrou a necessidade de rever seus pressupostos e produzir reflexões sobre o projeto estético cultural até então esboçado, procurando compreender a nova realidade em que estamos inseridos. Sendo assim, não se deve subestimar o esforço das gerações anteriores em construir o que somos, e sim decifrar a essência do conhecimento advindo desta trajetória, como norteador dos novos caminhos. (TABITH JUNIOR, 2007 p. 55)

Sendo assim, se compreende que se uma obra alcançar o ápice dos elementos citados acima, se compactua socialmente, cumpri a tarefa de ser um abrigo seguro adaptado às carências da sociedade, representante do seu tempo e cultura e se sobressai ao passo da sua própria expressividade, a mesma é capaz de alcançar o que a categoriza como obra de arte. (TABITH JUNIOR, 2007 p. 51).

Segundo o autor Aurélio Buarque de Holanda, (2005 apud CAVALCANTI E LAGO) em seu dicionário, o termo “moderno” se associa a tudo que for atual, nesse sentido tal palavra é próximo a um sinônimo de “contemporâneo”. Porém a expressão “modernista” se associa a um movimento que ocorre em algum momento histórico, adquirindo assim um sentido temporal.

Já para o autor Lucio Costa (1995 p. 117), o arquiteto para ser moderno deveria conhecer profundamente o passado, para assim então ser prospectivo. Porém é necessário diferenciar os termos moderno de modernista, com a intenção de que não haja referências inadequadas. A arquitetura do movimento moderno tanto no Brasil, quanto em outros lugares, é o resultado de um método profundamente aportado, não tendo relação a certas obras de feições equivocadas.

Sendo assim, compreende-se através dos diálogos firmados pelos autores Cavalcanti e Lago (2005) que o movimento moderno continua a se delinear nos arquitetos brasileiros contemporâneos,

uma vez que essa arquitetura múltipla consegue no passado encontrar as contribuições e riquezas de um movimento e não seus fardos. Ficando clara, atualmente, a utilização do precioso legado modernista pela busca da uma linguagem originalmente brasileira.

Para Le Corbusier (1977 p. 29) o arquiteto, pela construção formal consegue provocar os sentidos, as emoções e despertar no expectador o que o mesmo referencia como “movimentos diversos de nosso espírito e de nossos sentimentos” permitindo a capacidade de ser tocado e poder sentir a beleza de uma edificação.

Segundo os autores Cavalcanti e Lago (2005) o primeiro grande marco da arquitetura moderna no Brasil foi a monumental obra do Ministério da Educação e Saúde, hoje de nome Palácio Gustavo Capanema, localizado no Rio de Janeiro, o mesmo teve forte impressão internacional. Perante as consultorias de Le Corbusier e sob a liderança de Oscar Niemayer e Lucio Costa, foi-se construído entre os anos de 1937 com termino em 1943, ano em que se apresentou a revista *Progressive Architecture*, como a obra de arquitetura moderna mais importante das Américas, considerado até os dias atuais como um dos maiores moldes da arquitetura moderna do mundo, antecessor a muitos edifícios de âmbito público contruídos no pós-guerra no EUA e Europa.

Por conseguinte, o segundo impulso da arquitetura moderna brasileira, foi o Pavilhão do Brasil que em 1939-40 foi exposto na Feira Internacional de Nova Iorque. Na busca de corresponder ao tema apresentado, “Construindo o mundo de amanhã”, o governo brasileiro procura então encerrar a tradição dos pavilhões típicos e encaminha para a feira Niemeyer e Lúcio Costa. Apesar de apresentar os princípios básicos de Le Corbusier, o mesmo renunciou futuras vertentes, com a versatilidade dos volumes, liberdade da sua rampa, elementos fixos destinados a proteção contra a insolação e a curva como aspecto de expressão indistinção do espaço externo e interno. E foi através desse projeto que se estabeleceu uma linguagem originalmente brasileira, independente e emancipada de fontes europeias (CAVALCANTI E LAGO, 2005).

Ainda sobre aporte dos autores Cavalcanti e Lago (2005), a terceira etapa decisiva a arquitetura brasileira se deu pela reflexão internacional sobre o conjunto da Pampulha, em 1943, estabelecendo Oscar Niemeyer como um dos maiores nomes dentro do cenário da arquitetura mundial. Se o edifício do Ministério da Educação demonstrou a possibilidade da produção brasileira daquele momento, a Pampulha evidenciou a influência de um arquiteto sob a arquitetura moderna, adotando Niemeyer e o Brasil como umas das mais altas referências a segunda geração de

modernistas.

Grandes porções das obras que surgiram durante o movimento moderno se associaram, mesmo que inconscientemente, entre a política e a forma. Sendo assim o autor Montaner (2001 p. 12) explana os aspectos que consolidaram tal conexão apontando que, as transparências das fachadas comparadas à honestidade, a planta livre a soberania popular, a falta de adereços se ligava a economia e completude ética.

Segundo Dennis Sharp (2005 *apud* CAVALCANTI E LAGO) “uma nova geração (...) liderada por Lucio Costa e Oscar Niemeyer (...) estendeu as fronteiras da expressão da arquitetura do século XX muito além do que (conseguiu) a maioria dos arquitetos europeus (na década de 1940)”.

Para Cavalcanti e Lago (2005) a nova geração de arquitetos apresenta uma clara influência e inspiração nos projetos modernistas “históricos” brasileiros dos anos 1940 e 1950 – período mais produtivo e de maior reconhecimento internacional. Uma vez descartadas as ilusões do papel de transformação social do país através da arquitetura, o moderno é tomado como linguagem e não mais como ideologia. Os profissionais de hoje citam elementos da gramática modernista assim como os pós-modernistas citavam elementos de estilos pretéritos, gótico, românico ou neoclássico. Após duas décadas extremamente difíceis na economia do país, a arquitetura brasileira parece retomar o seu impulso e rumo inovador. Construída hoje sem a iniciativa maciça do Estado, os projetos mais interessantes são feitos em pequena escala para clientes particulares. O moderno serve de referência para que se possa voltar a avançar na linguagem arquitetônica e estrutural.

Ainda para Cavalcanti e Lago (2005) é perceptível na produção atual a filiação a posturas e linhagens que tiveram suas matrizes e prédios paradigmáticos lançados pela primeira geração de modernistas brasileiros. Como se os arquitetos contemporâneos utilizassem o precioso legado modernista para voltar a atingir uma expressão inconfundivelmente brasileira, cosmopolita e internacional. A produção desta geração está só começando, e com isso, um despontar que se apresenta bastante promissor e que permite uma reflexão comparativa importante sobre as referências históricas das quais se nutre e as condições atuais de sua produção. Algo de interessante parece estar no ar: um modernismo revisitado, com alguns aspectos descartados e outras questões recolocadas em movimento. A arquitetura contemporânea brasileira necessita ser vista, criticada e

colocada em relação com a arquitetura jovem internacional.

2.3. MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE NITERÓI MAC NITERÓI

A função primordial dos museus, de expor obras de arte, é deixada de lado perdendo espaço para a imponência da obra arquitetônica em questão ao se tratar da contemporaneidade. Nos dias que ocorrem, os museus passam a intervir na espacialidade da cidade, podendo atuar como restauradores de identidade, despertando interesse de investimentos e também como marco na paisagem, resultando em um atrativo para turismo e movimentação de pessoas. (NEIVA, 2008).

De acordo com a Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro (2018) o Museu de Arte Contemporânea de Niterói foi inaugurado em setembro de 1996, e em pouco tempo se tornou símbolo da cidade, sua estrutura marcante em concreto armado em forma de cálice virou referência do trabalho do arquiteto Oscar Niemeyer.

Devido a sua qualidade formal a obra do MAC, elevou a imagem da cidade de Niterói, transformando-a em uma cidade vendável tanto no país como no exterior, o que antes era considerado impossível. A obra adquiriu um valor inimaginável, recebendo milhares de visitantes ao ano. (SUASSUNA, 2005).

O esboço da obra foi realizado em apenas um dia e meio, e a solução encontrada foi dois volumes sobrepostos. O terreno escolhido era estreito e cercado pelo mar, para manter a vista ao nível do observador Niemeyer opta pelo ponto de apoio central, a mesma solução dada por ele em projetos como o Museu de Arte Moderna de Caracas (1954), o Museu Expo Barra 72 (1969) e o Museu da Terra, do Mar e do Ar (1974), porém executada apenas no Museu da Fundação de Brasília (1958). Sob o volume o arquiteto cria um espelho d'água circular, que age como um solo fluido, para que a arquitetura ganhe leveza e delimitando o passeio. (GONÇALVES, 2010).

Não raro o próprio terreno nos dá o caminho a seguir. No Museu de Niterói, por exemplo, ele me guiou – como no projeto do Museu de Caracas que elaborei muitos anos antes – ao apoio central. E evitei a solução usual de dois volumes superpostos, que cheguei a croquizar, voltando ao Museu de Caracas, criando a superfície lisa que sem interrupções sobe em curvas e em retas até a cobertura. (NIEMEYER, 2010 p. 11).

Levando em consideração a época em que o arquiteto Oscar Niemeyer está inserido, sua preferência pela forma gerou críticas devido ao vigente modo de pensar embasado na funcionalidade e racionalidade. Sendo assim, o mesmo estabelece limites em sua defesa pela forma

desprendida de conceitos funcionais estabelecidos por intransigentes pensadores de arquitetura moderna, sustentado que a arquitetura se assegura pela beleza. (NEIVA, 2008). Tal defesa fica explicitada na sua fala, expondo que “Na arquitetura além da sua funcionalidade obrigatória, o importante, a meu ver, é a sensação de surpresa que provoca quando pela sua beleza atinge o nível de obra de arte”. (NIEMEYER, 2010 p. 17).

Uma vez compreendida a relevância do Museu de arte contemporânea de Niterói, como molde econômico e social para a cidade de Niterói no Rio de Janeiro. Niemeyer complementa tal pensamento (NIEMEYER, 2010 p. 14) expondo a seguinte concepção, “A arquitetura evoluiu em função do progresso técnico e social. [...], mas foi com o advento do concreto armado que a arquitetura se transformou de forma radical”.

Durante muitos meses convivi com Le Corbusier em Nova York. Almoçávamos juntos todos os dias. Lembro-o a me dizer: “Oscar, você tem as montanhas do Rio dentro dos olhos”. Não tinha apenas as montanhas do Rio dentro de mim. Lembrando André Malraux, tinha dentro de mim tudo que via e amava nesta vida. E esta vontade de criar surpresa, encontrar a forma nova, de contestar. (NIEMEYER, 2010 p. 16 – 17)

As possibilidades advindas do progresso tecnológico aplicado à arquitetura permitiu com que a excepcional forma do Museu de Niterói fosse a mais pura expressão de tudo aquilo que motivava Oscar Niemeyer.

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi elaborada através de pesquisas em livros e artigos que tratam a correlação entre o arquiteto Oscar Niemeyer e o período moderno e contemporâneo no Brasil. As metodologias propostas nesse estudo se apoiam nas asserções de autores, como Marconi e Lakatos (2004), que conceituam a revisão bibliográfica, como pesquisa por estudos e fontes que se assemelhem ou complementem o tema. Na concepção de Gadotti (1990) sobre o método dialético, que é responsável por questionar e contestar, solicitando seguidamente a revisão das afirmações teóricas e da realização crítica. Somando-se ao método de estudo de caso, que para Yin (2015), é quando os pesquisadores “focam” em um caso, tirando suas conclusões a partir dele, contribuindo dessa forma, com o conhecimento de fenômenos individuais, sociais e políticos a ele relacionados.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

O projeto do MAC-Niterói foi realizado com maturidade, e revela a ousadia de um artista experiente, responsável por uma produção que apresenta uma leitura bastante pessoal dos preceitos da arquitetura racionalista de matriz corbusiana. Os princípios centrais do método de trabalho e da filosofia urbanística de Charles-Edouard Jeanneret, Le Corbusier, o uso racional dos materiais, métodos econômicos de construção, linguagem formal sem ornamentos e diálogo sistemático com a tecnologia industrial. (Itaú, 2018).

Sob a visão do próprio arquiteto, Oscar Niemeyer apresenta a seguir, em seu discurso, o processo de criação e as justificativas qual culminou na exímia obra do Museu de Arte Contemporânea de Niterói:

Quando projetei um bloco em curva, por exemplo, solto no terreno, junto apresentei croquis demonstrando que as curvas de nível existentes o sugeriram; quando desenhei as fachadas inclinadas, da mesma forma as expliquei como destinadas a proteger ou aproveitar a insolação encontrada; quando projetei um auditório, cuja forma poderia lembrar um mata-borrão, foi para o problema de visibilidade interna que apelei; quando criei um sistema de montantes na forma de um “y”, reduzindo-os no térreo e multiplicando-os nos andares superiores, a razão que apresentei foi de economia; quando propus coberturas curvas, com apoios inclinados nas extremidades, dei como justificativa o problema estrutura do empuxo; quando propus uma solução com curvas e retas, foi para diferenças de pé-direito que recorri. Com isso, ia defendendo minha arquitetura e as minhas fantasias, criando novas formas, elementos arquitetônicos que se adicionaram com o tempo ao meu vocabulário plástico de nossa arquitetura, com frequência usada pelos meus colegas, mas nem sempre na escala e apuros desejados. (NIEMEYER *apud* CORONA, 2001 p.117).

O visitante, ao subir a rampa da entrada, nas sutilezas intrigantes e nas significações da criação arquitetônica – verá que à emoção artística se junta uma nítida visão humanista, a rampa não nasce, na verdade, de pura preocupação plástica; funciona, sobretudo, como um dispositivo visual. Percorrê-la é olhar forçosamente o grande volume branco que cresce a cada passo, enquanto desfila lentamente ao fundo o histórico panorama da Guanabara, como um caminho fantástico. Ou seja, a rampa é o trajeto de um passeio arquitetônico, que sugere a rotação da natureza em volta da forma branca, recortada no céu por "uma linha que nasce do chão e, sem interrupção, cresce e se desdobra, sensual, até a cobertura..." propositalmente circular. Uma visão cósmica; não do universo científico, mas de uma apropriação poética e ideológica do mundo. Em nossa época, ao falirem as determinações históricas, ainda maior é a liberdade, a livre escolha de um novo humanismo,

fundado na ética e na busca do conhecimento. A beleza do MAC vem exatamente da transcendência poética e onírica dessa crença no futuro. (Campofiorito, 2006).

A fim de ampliar a visão sobre o assunto aqui abordado, a seguir se apresenta outro brilhante exemplo de arquitetura contemporânea escultórica de máximo valor, o Museu Guggenheim localizado em Nova Iorque, suas soluções ultrapassam o seus destinos, atendendo aos propósitos da sua existência, de dimensões objetivas e ainda se supera pela sua razão poética. O Guggenheim é uma obra atemporal, caracterizada pela sua originalidade, adequada ao local que se insere e a singularidade expressiva na sua forma. Ao mesmo modo que se sobressalta o resultado arquitetônico, reforça a possibilidade e a capacidade da produção humana. (TABITH JUNIOR, 2007 p. 47)

A partir de tais análises entende-se que ambas as obras se definem como atemporais e transcendentais ao que se destinam, cumprem os fins ao qual se materializaram e se sobressaem a sua forma poética tornando-os, como dirá o autor Tabith Junior (2007 p. 47), “objetos válidos por si mesmos”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa aqui apresentada, conclui-se que, a arquitetura em si se mantém constantemente em transformação e aquilo a qual chamamos de linguagem arquitetural necessita da compreensão a parte do arquiteto como um processo amplamente dinâmico. Quando se apresenta uma arquitetura como arte, a mesma deve carecer de um discurso estético coerente, assim como quando Niemeyer justifica cada contraponto apresentado ao seu discurso, fundamentando o porquê da materialização da sua edificação.

Tão diversificada e variada, a arquitetura contemporânea se valida como obra de arte e se concretiza através do seu sentido metódico. As compreensões destes significados podem garantir diversas possibilidades e caminhos dentro do campo arquitetural, que se comprova ao passo em que a mesma consegue alcançar soluções, carências e deficiências do espaço onde estamos inseridos, entendendo assim que necessitamos de refúgios acima de tudo, eficientes, consistentes e que permitam o seu progresso. Ao ponto que o Museu de Arte Contemporânea atingiu cada um desses aspectos compreende-se como seu valor inestimável foi-se atribuído.

Conclui-se ainda que o museu tem uma enorme relevância tanto para o país como para o mundo, pois marca uma era na arquitetura mundial, com o uso de conceitos funcionais estabelecidos e que a arquitetura também se assegura pela beleza. Não esquecendo também da importância do Mac na economia e vida social da cidade de Niterói no Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CAVALCANTI Lauro, LAGO André C. do. **Ainda moderno? Arquitetura Brasileira Contemporânea**. 2005. Disponível em:

<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.066/404>> Acesso: 21 de abril 2018.

CAMPOFIORITO, Ítalo. **A história do início**. Rio de Janeiro. 2006 Disponível em:

< <http://culturanniteroi.com.br?id=2151&equ=macniteroi> > Acesso: 28 de Maio 2018.

CORBUSIER, Le. **Por uma arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

CORONA, Eduardo. **Oscar Niemeyer Uma lição de Arquitetura**. São Paulo: FUPAM, 2001.

COSTA, Lucio. **Lucio Costa, registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

GADOTTI, M. A dialética: concepção e método. In: **Concepção Dialética da Educação**. 7. ed. São Paulo: 1990.

GONÇALVES, Simone Neiva Loures. **Museus projetados por Oscar Niemeyer de 1951 a 2006: o programa como coadjuvante**. Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo. 2010. Tese de doutorado.

HARADA, Ana Carolina. **Mestres da Arquitetura: Oscar Niemeyer, o arquiteto da vida**
A trajetória do mais conhecido nome da arquitetura moderna brasileira. Disponível em:
<<https://casacor.abril.com.br/especiais/oscar-niemeyer-o-arquiteto-da-vida/>> Acesso: 29 Maio 2018.

ITAÚ, Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. **Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói)**. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao109820/museu-de-arte-contemporanea-niteroi-rj>>. Acesso em: 29 de Mai. 2018.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MONTANER, Josep Maria. **Depois do movimento moderno**. Barcelona: Gustavo Gilli, 2001.

NEIVA, S. **O Museu de Arte Contemporânea de Niterói: a velha forma atende a novas funções.** *Mouseion*, vol. 2, n. 4. Jul-Dez/2008.

NIEMEYER, Oscar. **A forma na arquitetura.** Rio de Janeiro: Avenir, 1978.

NIEMEYER, Oscar. **Conversa de Arquiteto.** 4ª Edição. São Paulo: FUPAM, 2010.

O GLOBO. **Niemeyer 100.** Rio de Janeiro, 2007.

PIRES, F. M. N.; CORTIZO, M. L. Da Cruz; LELIS, M. G.; HENRIQUE, T. S. A. **Trajetória de vida de Oscar Niemeyer á luz das teorias da psicologia do desenvolvimento humano.** UNIVIÇOSA, Minas Gerais, 2012.

RIO. Secretaria de Cultura. **Museu de Arte Contemporânea de Niterói: Apresentação.** Disponível em: <<http://www.cultura.rj.gov.br/apresentacao-espaco/museu-de-arte-contemporanea-de-niteroi>> Acesso em: 16 abril 2018.

SUASSUNA, M. **Reflexões a respeito do projeto para Estação Ciência, Cultura e Artes do arquiteto Oscar Niemeyer em João Pessoa – PB.** Disponível em: <www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc141>. Acesso: 03 de abril 2018.

TABITH JUNIOR, José Luiz. **A Construção do Significado em uma trajetória projetual.** Universidade de São Paulo: FAU/USP. 2007. Tese de Doutorado.

UNDERWOOD, David. **Oscar Niemeyer e o Modernismo de Formas Livres no Brasil.** São Paulo: Cosac Naify, 2003.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015